

Vivências no Programa de Residência Pedagógica na perspectiva das técnicas freinetianas

Rosane Michelli de Castro
Juliana Barbosa Pires
Lara Rodrigues Gesser

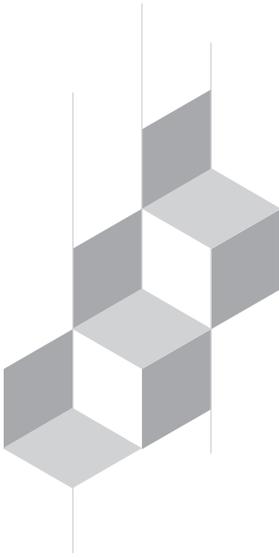
Como citar: CASTRO, R. M.; PIRES, J. B.; GESSER, L. R. Vivências no Programa de Residência Pedagógica na perspectiva das técnicas freinetianas.. In : SHÄFFER, A. M. M.; KELLER-FRANCO, E.; SALES, G. G. P. S.; CASTRO, R. M. **Experiências docentes** : projetos formativos no Pibid e Residência Pedagógica. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p.197-208 DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-322-8.p197-208>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



CAPÍTULO 13

Vivências no Programa de Residência Pedagógica na perspectiva das técnicas freinetianas

Rosane Michelli de Castro

Juliana Barbosa Pires

Lara Rodrigues Gesser

“Os olhos vivos e brilhantes das crianças olham curiosos para tudo ao seu redor. É vida buscando vida, é curiosidade buscando conhecimento. A cada nova flor que se abre, folhas que caem ou ao mínimo movimento no chão brilham os olhos curiosos das crianças, e a construção do conhecimento se inicia em um processo dinâmico e dialético” (HUBERT, 2003, p. 61).

Neste texto, como indica o título de maneira geral, temos como objetivo apresentar as vivências proporcionadas no PRP na perspectiva freinetiana. Em agosto de 2018, ingressamos como residentes bolsistas no PRP criado pela Capes e implementado pela Unesp, na Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC campus de Marília – subprojeto: “Licenciatura em Pedagogia” que conta com a participação das seguintes docentes: Elianeth Dias Kanthack Hernandez, Elieuzza Aparecida de Lima, Tatiana Schneider Vieira de Moraes, Rosane Michelli de Castro, Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo. Também contamos com alunos bolsistas e voluntários e com o(a)s preceptores(as) que nos auxiliam nas escolas.

As escolas parceiras do PRP-Pedagogia são de educação infantil e de ensino fundamental – séries iniciais, da rede municipal de ensino da cidade de Marília-SP. Além dos residentes bolsistas, integram o PRP-Pedagogia, preceptores (professores e professoras das escolas parceiras) e professoras orientadoras, docentes do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC/Unesp campus de Marília. As ações e reflexões cujos resultados ora apresentamos foram orientadas pela Prof^a Dra. Rosane Michelli de Castro, mediante o projeto “A aula passeio com professores: conhecendo e ressignificando

aspectos da história local”, em desenvolvimento na escola municipal de ensino fundamental – Emef “Prof^a Reny Pereira Cordeiro”. O projeto tem por objetivo geral:

Proporcionar aos professores da escola de Ensino Fundamental I parceira, mediante a chamada “aula passeio”, o conhecimento ou o re-conhecimento de locais e monumentos representativos da história local da cidade de Marília-SP, proporcionando-lhes a recontextualização em espaços históricos da história local da cidade e da história do Brasil, portanto, a apropriação de saberes para a ressignificação dos conteúdos de história a serem ensinados mediante processos escolares (CASTRO, 2013, f. 2).

O Programa se desenvolveu em dois momentos: o primeiro é de ambientação, quando os residentes visitaram a escola parceira e fizeram as observações e análises sobre a estrutura da escola, seus documentos, organização e ambientes, juntamente com o preceptor, o professor Altair Borges de Souza, que orientou as residentes na escola. Além disso, esse preceptor deu instruções sobre uma das maneiras de se elaborar um semanário, planejamento etc. sempre incluindo as residentes nas atividades da escola. E o segundo momento de imersão, em que foram desenvolvidas as ações planejadas pelas residentes, sob orientação da orientadora e coordenadora, professora Rosane Michelli de Castro, e do professor preceptor, Altair Borges de Souza.

Momentos de imersão nos espaços e em processos escolares: relatos das residentes

Durante o planejamento das atividades, um dos nossos questionamentos foi como desenvolver possibilidades de se trabalhar leitura e escrita, com sentido e significado, nos ensinamentos de matemática e geografia, e, ao mesmo tempo, ofertar às crianças experiências que proporcionassem vivências ricas para apropriações de conteúdos socioculturais. Deparamo-nos, então e novamente, com as técnicas de Freinet em especial com a “aula passeio”, técnica que tivemos a oportunidade de trabalhar num outro momento.

De acordo com Costa (2006, p. 27):

A técnica pedagógica de Freinet é construída com base na experimentação e documentação, almejando uma prática educacional totalmente centrada na criança, atribuindo grande ênfase aos trabalhos (atividades) manuais, tendo em vista a formação de crianças ativas, que serão responsáveis por uma futura transformação social.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que para aprender a escrever é necessário ter o quê, para quê e para quem escrever. Nesse sentido, acreditamos nas propostas de uma

escrita viva, ao encontro das teorizações freinetianas, com função social no cotidiano das crianças, possibilitando que elas percebam os conteúdos apreendidos na escola, conectados no dia a dia, mas, por vezes não percebidos de maneira tão explícita. Nesse sentido, nada melhor do que o conhecimento de mundo das crianças como ponto de partida para novas aprendizagens. Trata-se de conhecimento que o professor pode articular ao currículo, possibilitando ofertar condições para que as crianças compreendam os símbolos gráficos e o que eles representam na cultura humana, deixando registrada de alguma maneira a experiência vivenciada, no caso, mediante a escrita em seus diferentes suportes.

Segundo Freire (2006, p. 11), o ato de ler “[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]”, ou seja, a linguagem e o mundo estão diretamente atrelados, são indissociáveis e a linguagem não pode ser trabalhada e desenvolvida em sala de aula isolada da realidade.

Freire (2006) acrescenta que há um contexto relacionado em tudo aquilo que se escreve e se lê. Por trás da leitura e da escrita, existem diversas interpretações e realidades expressas, tanto do leitor quanto do autor. As apropriações históricas refletem na compreensão de mundo de cada um. Sendo assim, refletirá na formação leitora das pessoas. De acordo com Bakhtin (2003, p. 379 apud ARENA 2010, p. 19):

[...] a palavra do outro, ao ser enunciada, exige o desafio da compreensão, porque a palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la. (Essa tarefa não exige em relação a minha própria palavra ou existe em seu sentido outro).

Conforme Magnani (2018, p. 31), “[...] aprende-se a ler e a gostar de ler; aprende-se a ter satisfação com a leitura; aprende-se a acompanhar modismos de leitura; aprende-se a ter critérios e opiniões de leitura; aprende-se a julgar valores estéticos”. E isso é desenvolvido tanto fora quanto dentro da escola.

Smith (1999) afirma, porém, que aquilo que acontece dentro da sala de aula é determinante para tornar os alunos leitores ou não. Os professores devem promover e facilitar o acesso à alfabetização, garantindo que a leitura e a escrita tenham sentido. Ele destaca também que, “[...] a leitura e a escrita não podem mais ser abordadas separadamente na aprendizagem, assim como não devem ser abordadas separadamente no ensino” (1999, p. 124).

Segundo Jolibert (1994), ler é questionar, elaborar hipóteses, é atribuir sentido, e tudo isso a partir de uma expectativa real. A partir dessas situações, que envolvem as leituras, são criadas as estratégias de aprendizagem. A autora aponta que (1994, p. 15), “ler é ler escritos reais, que vão desde um nome da rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, um panfleto, etc. [...]”. Ou seja, ler faz parte de uma necessidade real diante das situações da vida; por isso ler verdadeiramente faz de alguém

leitor, e não aprender primeiro. Significa dizer, de acordo com Jolibert (1994), que se trata de ler sem passar pelo processo de decifração (leitura fragmentada) ou pela oralização.

Para isso, é preciso dar liberdade para que os alunos se expressem e, nesse sentido, as formulações freireanas vão ao encontro das freinetianas, em relação ao respeito pela livre expressão de seus alunos, quando aponta que:

[...] temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos – não importa quem sejam – estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade (FREIRE, 2006, p. 27).

Quando as crianças se sentem livres para escreverem o que pensam, para expressarem suas visões de mundo, elas se sentem mais seguras e confiantes para arriscarem-se em relação à leitura e à escrita, e assim vão sentindo gosto e se aprimorando nessas ações.

Para Smith (1999), a leitura não é algo que se ensina, e o papel do professor e da professora é, portanto, o de proporcionar situações de leitura que envolvam a realidade da criança. Smith (1999) acrescenta que as crianças estão em contato com a leitura desde o nascimento, pois a leitura envolve a linguagem falada e as visões de mundo que as cercam.

Nas palavras de Smith (1999, p. 43), “[...] a única maneira de ler é no nível do significado e a única maneira de aprender a ler é no mesmo nível”. Segundo Smith (1999, p. 65), “[...] é através do sentido que as crianças aprendem a ler, e enquanto elas não conseguem ler suficientemente bem para entender o sentido do que estão fazendo, alguém deve ajudá-las”. Acrescenta que aprender a ler não acontece de forma instantânea; é um processo que se desenvolve com o hábito de leitura e o estímulo e ajuda de pessoas a sua volta (SMITH, 1999).

Essas elaborações apresentadas até o momento vão ao encontro da pedagogia Freinet. Esse educador também acreditava na leitura e escrita social e significativa, e principalmente na criança como sujeito ativo da sua aprendizagem. Portanto, abordamos aspectos relacionados às técnicas freinetianas, centralmente à “aula passeio”, englobando aspectos de sua vida e suas principais concepções em relação à educação.

Perspectiva educacional freinetina e a “aula passeio”

Célestin Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896, no Sul da França, em 1920, na pequena aldeia de Bar-sur-Loup (LIMA, 2017). Iniciou seu trabalho numa “escola instalada numa casa antiga, pobre e escura, que tinha a carteira em muito mau estado, dispostas em filas, à maneira tradicional” (SAMPALIO, 2007). De acordo com Sampaio,

Freinet tinha enorme respeito pelas crianças e, a partir disso, começou a estudar, registrando tudo que as crianças diziam e a maneira como se comportavam. Preocupado com as necessidades de seus alunos, Freinet passa a refletir sobre as práticas pedagógicas tradicionais. Silva, Lima e Valiengo (2017, p. 675) apontam que,

Há quase um século, um dos aprendizados de Freinet (1976), a partir de sua atuação como professor, foi que a criança não se interessa por ir à escola para copiar e ler textos de livros didáticos. Motivado por essa atitude respeitosa e sensível como educador na escola da infância, Freinet (1976) buscou, a partir de seus estudos e ações pedagógicas, a superação dessa prática educativa.

Na perspectiva freinetiana, dar importância para o repertório cultural da criança é essencial. Segundo Silva, Prestes e Pena (2011), para Freinet, a escola tem um papel de mediação, pois deve valorizar os conhecimentos prévios da criança e a partir disso gerar instrumentos que possam propiciar o interesse a novos conhecimentos.

A partir de sua história e de tudo que pensou sobre educação e sobre a criança, surge a ideia da “aula passeio” que, conforme Sampaio (2007) era realizada por Freinet diariamente. Nas saídas realizadas por ele, tudo era observado, os trabalhadores, as flores, as paisagens, o céu. A autora (2007, p. 16) destaca que, “na volta dos passeios a atmosfera da classe era outra: cada um queria contar o que vira, o que descobrira, queria mostrar o que trouxera nos bolsos ou lembrar um fato ocorrido durante o passeio [...] Era a vida entrando na sala de aula”.

Para Silva, Prestes e Pena (2011, p. 4397), “a aula passeio, em contraposição à pedagogia da abstração e do imobilismo, é um modo de colocar as crianças em contato com a realidade”. Por isso, com a “aula passeio” há um desenvolvimento em diferentes aspectos, tanto cognitivo como social do aluno.

Segundo Sampaio (2007), um aspecto interessante da pedagogia de Freinet foi a valorização da expressão livre, tanto dos professores quanto dos alunos. Ambos podiam expressar suas ideias e opiniões e, dessa forma, o professor deixava de ser o centro da sala de aula, dando voz e vez as crianças. Essa troca de experiências e ideias gera um aprendizado muito mais rico e que faz sentido para às crianças.

Além disso, Sampaio (2007) destaca que as crianças de Freinet sentiam que a curiosidade e a sede pelo saber as levavam a pensar em como solucionar tanto os seus problemas quanto os da própria comunidade em que viviam, ou seja, um princípio de escola ativa é o de pensar em uma educação atrelada à evolução social.

As técnicas de Freinet não têm um público alvo-de crianças em específico, podendo ser pensada para diferentes escolas, pois o foco principal é o envolvimento da criança com a sua própria aprendizagem, a construção do seu próprio conhecimento (SILVA;

PRESTES; PENA, 2011). Em outras palavras, Scarpato (2004, apud SILVA; PRESTES; PENA, 2011, p. 4397) aponta que,

Para Freinet, as técnicas de ensino devem complementar o dia a dia escolar, porque o aluno tem de se sentir motivado, interessado em aprender, em ir à escola. A sua proposta é de uma pedagogia que procura se adaptar à realidade social e cultural do morador de favela, de cortiço, casa ou mansão.

A “aula passeio” de Freinet, como técnica privilegiada na pesquisa desenvolvida, apresenta a importância da criança como sujeito histórico, que precisa compreender o espaço que vive, de forma social, política e econômica, para que assim seja um sujeito ativo na sociedade.

Já Demo (2002, apud SILVA; PRESTES; PENA, 2011, p. 4397) aponta que,

A valorização do trajeto cultural do aluno deve ser ponto de partida e referência na construção de conhecimentos e não o limite do desenvolvimento, porque a cultura não é só memória e preservação é o próprio chão que irá revestir o futuro. “Por isso, aproveitar o que o aluno já sabe, acumulou de experiência pessoal, apresenta como identidade cultural é habilidade crucial do professor”.

Para Sampaio (2007), a “aula passeio” era uma verdadeira aula das descobertas. De acordo com a autora, Freinet iniciou essa prática para que as crianças tivessem mais contato com o meio em que vivem. Para que trouxessem o mundo que vivem para dentro da sala de aula. Dessa maneira, elas estariam mais motivadas para a criação de textos livres.

As “aulas das descobertas” desenvolviam seres humanos mais sensíveis e envolvidos com a natureza e com a questão ambiental. “Mesmo quando ainda não se cogitava a hipótese de uma crise ambiental, Freinet já desenvolvia em seus alunos uma relação entre ser humano e natureza [...]” (COSTA, 2011, p. 44).

Segundo Silva, Prestes e Pena (2011), os objetivos e a organização da “aula passeio” devem ser pensados de forma coletiva. Desde o momento em que se inicia a discussão em relação à sua ideia, que pode ser do professor e da professora, ou até mesmo das crianças, é importante que as crianças participem ativamente expressando-se, comunicando, criando e pesquisando. De acordo com Silva, Prestes e Pena (2011, p. 4298), “[...] O ‘tateio experimental’, nome utilizado por Freinet para conceituar a capacidade da criança de realizar uma pesquisa usando a reflexão, levantando hipóteses e tentando verificá-las” contribui de forma significativa para o desenvolvimento da “aula passeio”. Costa (2011) afirma que o tateamento experimental, como princípio norteador da “aula passeio”, apresenta a valorização do

aprendizado que envolve a prática e a construção do conhecimento a partir de situações que fazem sentido para as crianças, e que fazem parte da sua cultura e levam à construção do seu pensamento.

Segundo Sampaio (2007, p. 181), a técnica da “aula passeio”:

[...] seja qual for o objetivo da saída, deve ser pensada com muita responsabilidade, pois ao fazer os planos do passeio, preparar os materiais necessários, estar atento ao roteiro da viagem, participar das tarefas durante a saída, o aluno, além de viver um aprendizado natural e agradável, tem a oportunidade de ampliar as formas de relacionamento com os colegas, professores e acompanhantes.

Portanto, não se deve confundir a “aula passeio” com um momento simples, sem planejamento, de simples saída da escola. É importante destacar que Freinet, conforme Silva, Prestes e Pena (2011), não é a favor de uma educação espontânea. Para Freinet, sempre existiam propósitos a serem atingidos.

Vivências segundo a perspectiva freinetiana

Desde o momento de imersão na Emef Prof^a Reny Pereira Cordeiro, tínhamos em mente que, por meio das nossas ações pedagógicas, poderíamos atender as necessidades da escola. Porém, tivemos que mudar os planos devido a um Projeto referente às bacias hidrográficas e de tudo que envolve o meio ambiente implementado pela Secretaria Municipal da Educação, por conta do momento que a cidade estava vivendo, em meio ao ano letivo de 2019. Por ser uma necessidade da escola, optamos por desenvolver nosso projeto juntamente com o projeto do meio ambiente.

Sendo assim, surgiu a ideia de trabalharmos os ensinamentos de leitura e escrita de maneira viva, com função social, sentido e significado no processo de ensino e de aprendizagem, articulando os conteúdos das disciplinas de geografia e matemática, estudados pelas crianças em sala de aula, mediante a técnica privilegiada “aula passeio” freinetiana, aula que foi realizada no próprio lugar de fala das crianças, no bairro onde residem e onde a escola se localiza. Trata-se de um centro de convivência do Jardim Damasco II, da cidade de Marília-SP, em que as pessoas podem levar litros de óleo de cozinha usado e trocar por sabão artesanal, uma das maneiras de reutilizar o óleo. Nesse sentido, acreditamos contemplar a necessidade da escola, mediante as ações e reflexões do projeto “A aula passeio com professores: conhecendo e ressignificando aspectos da história local”.

A “aula passeio” no próprio lugar de fala das crianças teve, portanto, o intuito de propiciar às crianças reconhecer conteúdos aprendidos em sala de aula em atividades

por elas vivenciadas em seu cotidiano. A propósito, ressaltamos que a ideia da ida ao centro foi sugerida pelas crianças numa roda de conversa. A seguir compartilhamos algumas das etapas do desenvolvimento do projeto:

Quando chegamos à escola, a turma estava preparada para nossa saída com boné, câmera fotográfica profissional, celular, material para anotações, sempre muito atentos aos detalhes ao longo do caminho. Assim, partimos, caminhando, pela rua frente à escola. Uma das crianças foi nossa fotógrafa oficial ao mesmo tempo, pois utilizamos a fotografia como uma forma de registro, considerando que também fazemos leituras por meio de imagens em jornais, sites, revistas etc.

No dia da aula passeio, pensamos que não realizaríamos nossas atividades, por conta das condições climáticas. Mas, partimos da Emef Prof^a Reny Pereira Cordeiro, passamos por alguns quarteirões até chegarmos ao centro de convivência.

Durante o caminho, conversamos sobre vários assuntos, inclusive sobre o nome das ruas pelas quais passávamos, tirando fotos, fazendo anotações do que mais chamava a atenção das crianças. Infelizmente, o centro de convivência estava fechado, mas o ponto de coleta de óleo usado fica do lado de fora do centro, então pudemos dialogar sobre o assunto. Depois, as crianças tatearam o espaço, subiram em árvores, sempre em busca de tirarem e recolherem o máximo de informações sobre o ambiente, pois, após a visita, faríamos uma maquete que, posteriormente, seria exposta na escola e na feira do meio ambiente do município.

Durante o percurso, os olhares das crianças estavam atentos a tudo que se passava ao redor, desde os detalhes nos espaços até questões ambientais que já haviam estudado em sala de aula, do que parecia estar certo ou errado ao longo do caminho.

Inclusive em uma das ruas por onde passamos, encontramos um pé de cacau, o que não é tão comum em nossa região, e isso despertou curiosidade nas crianças em conhece-lo, pois é a partir dele que é fabricado o chocolate. O proprietário da casa nos presenteou com cacaos para levarmos à escola. Ainda, encontramos um pé de amora e as crianças experimentaram.

Pensando no projeto maior, propusemos às crianças que fizessem algum registro sobre o que vimos e o que mais gostaram durante a “aula passeio”. Finalizada a “aula passeio”, propriamente dita, as crianças estavam bastante motivadas com tudo que vivenciaram. Iniciamos, então, o registro dessas vivências, agora com um projeto para confecção de uma maquete, a fim de explorarmos os conteúdos do ensino de matemática, entre eles tipos de medidas e fração, sendo que a leitura na perspectiva de mundo foi contemplada na “aula passeio”, revisada sempre que necessária para a elaboração da maquete. Trata-se de uma maneira de visualizarmos como as crianças absorveram tudo o que estava ao seu redor. Nesse momento, a utilização da escrita é essencial para a elaboração dos registros.

Para não atrapalharmos o andamento das atividades cotidianas, optamos por trabalhar com dois grupos diferentes por semana. Assim, o professor pôde dar continuidade aos conteúdos com as demais crianças e todas participaram de alguma fase do projeto.

O professor nos apresentou o rascunho da maquete que os alunos fizeram como registro e tivemos a difícil missão de escolher os primeiros participantes por meio dos registros, sem saber quem era a criança autora de cada um deles.

O grupo 1 foi organizado com cinco crianças, A, L, L, D, L. A princípio, elaboramos uma lista de materiais que usaríamos para a construção da nossa maquete do Centro de Convivência do Jardim Damasco II. O grupo 2 foi organizado por três crianças, B, E e V. Trabalhamos com a medida e localização dos elementos que iriam compor os espaços da maquete e iniciamos a pintura. O grupo 3 foi composto por R, P, A e C. As crianças deram continuidade à pintura do centro de convivência, academia ao ar livre, do campo de futebol, rua e calçada.

Finalmente, continuamos a realizar nossas regências com a presença do nosso preceptor, o professor Altair, e, agora, também com nossa orientadora, Dr^a. Rosane Michelli de Castro.

Em seguida, com a finalização da base da maquete, planejamos uma atividade na sala 05 – sala com multimídia. Pensamos que seria interessante que as crianças revisitassem o espaço novamente, por meio de um instrumento que nos permitisse ver o local sem estar fisicamente lá, pois já havíamos feito essa visita presencial com eles. Por isso, optamos por revisitarmos os locais da aula passeio por meio de uma ferramenta tecnológica, no caso, o Google Maps.

Partimos do nome e número da escola, que foi o ponto de partida da nossa aula passeio. Ficou nítido como as crianças observaram o antes e depois do caminho. Por exemplo: o que não tinha antes e tem agora? Por que temos um ponto de coleta de óleo usado? Será que a nossa maquete contempla os elementos importantes que vimos no centro de convivência? Esse foi um momento rico em que exploramos mais os conteúdos do ensino de geografia, por exemplo, o tempo e o espaço, as interferências da vida humana no espaço geográfico, entre outros conteúdos.

Com o grupo 5, finalizamos os trabalhos feitos anteriormente e iniciamos a construção do centro de convivência do Jardim Damasco II, sempre trabalhando por meio das medidas. Na continuidade da atividade com a maquete, trabalhamos com o grupo 6 composto por F, G e G. Trabalhamos com as árvores, centro de convivência e sempre retomando e retocando o que era necessário nos trabalhos realizados anteriormente. No penúltimo dia de atividade com a maquete, trabalhamos com o grupo 7, composto por H, K e S. Todos os dias foram dias ricos e de aprendizado, porém esse dia nos marcou, sobretudo com a fala de uma das crianças: “O que estamos fazendo é conteúdo de matemática” (Aluna K). Logo após a finalização da maquete, surgiram outras ideias sobre o projeto e conteúdos estudados, os quais planejamos desenvolver em projeto futuro.

Considerações finais

Fazer a “aula passeio” foi uma experiência muito rica, tanto para nós, parceiros (as) mais experientes, quanto para as crianças. Elas puderam vivenciar e tatear elementos do seu cotidiano mediante um novo olhar, intencional e voltado a novas apropriações socioculturais. Podemos afirmar que vivenciamos nosso referencial teórico na prática.

Nesse sentido, foi que optamos elaborar este texto, relatando, brevemente, nossa trajetória no PRP, juntamente com a apresentação de aspectos sobre o quadro teórico-metodológico das nossas ações e reflexões, de maneira a auxiliar, de forma fundamentada e consistente, o professor e a professora no planejamento de suas atividades, proporcionando às crianças experiências que favoreçam o pensamento matemático e geográfico por meio da leitura e da escrita.

Mesmo não apresentadas neste texto, mediante as vozes das crianças pudemos pensar, a partir de eixos temáticos, possibilidades para a inserção curricular ao conteúdo programático já existente, utilizando a “aula passeio” como metodologia privilegiada para se trabalhar aspectos do ensino de matemática e geografia. Enfim, diante de tudo que foi apresentado até aqui, podemos dizer que como professores(as), estamos em constante formação; e mesmo diante de toda a demanda da profissão e interferências externas, conseguimos, por meio do planejamento, proporcionar às nossas crianças experiências ricas que contribuam para o desenvolvimento em sua totalidade, favorecendo as relações não só entre os conteúdos, mas também na formação humana do ser. Portanto, nós, profissionais mais próximos das crianças, precisamos caminhar junto com elas, respeitando sua essência e a maneira como aprendem.

Referências

ARENA, D. B. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da escrita. *In*: SOUZA R. J. (org). **Ler e Compreender**: estratégias de leitura. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

CASTRO, R. M. **A aula passeio com professores**: conhecendo e ressignificando aspectos da história local. Projeto de extensão. Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC-Unesp/ Marília, 2013. Mimeo.

COSTA, M. C. C. A pedagogia de Célestin Freinet e a vida cotidiana como central na prática pedagógica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 23, p. 26–31, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/31zdoV9>. Acesso em: 04 out. 2022.

COSTA, M. C. **Freinet**: suas contribuições ao processo de sensibilização ambiental, em especial a “aula das descobertas”. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3EchiEL>. Acesso em: 04 out. 2022.

COSTA, S. A. Educação infantil, legislação e teoria histórico-cultural: algumas reflexões. *In*: COSTA, S. A.; MELLO, S. A. (orgs.). **Teoria histórico-cultural na Educação Infantil**: conversando com professoras e professores. Curitiba, PR: CRV, 2017.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

JOLIBERT, J. **Formando crianças leitoras**. v. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LIMA, R. R. Contribuições pedagógicas de Célestin Freinet. **Ensaio Pedagógico**, Sorocaba, v. 1, n. 1, 2017, p. 87-94.

MAGNANI, M. R. M. Leitura e formação do gosto (por uma pedagogia do desafio do desejo). *In*: **Entre a literatura e o ensino**: a formação do leitor. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SAMPAIO, M. **Freinet, evolução histórica e atualidades**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

SMITH, F. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SILVA, C. R. S.; PRESTES, A. S.; PENA, N. C. Pensamento de Freinet e as possibilidades de pesquisa no Ensino Fundamental. *In*: Congresso Nacional de Educação, EDUCERE, 10., 2001, Curitiba. **Anais[...]**. Curitiba: PUC-PR, 2011, p. 4394-4407. Disponível em: <https://bit.ly/3ygFLVU>. Acesso em: 04 out. 2022.

SILVA, A. L. R.; LIMA, E. A.; VALIENGO, A. Pedagogia Freinet e a escola no século XXI: perspectivas humanizadoras para o trabalho pedagógico. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. esp. 1, p. 669-687, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3SC09bY>. Acesso em: 04 out. 2022.

